

VIVER E MORRER: ESCRAVO ESTANISLAU E SUA VIDA REVISITADA (TAUBATÉ, 1874).

Andressa Capucci Ferreira¹, Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali²

¹Universidade do Vale do Paraíba - UniVap/Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica, Rua Francisca de Freitas Martins 171 casa 457 Jd. Pedregulho – Jacareí - SP, andcapucci@yahoo.com.br

²Universidade do Vale do Paraíba - UniVap/ Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica, Av. Shishima Hifumi 2911 – IP&D II - Laboratório de História – São José dos Campos - SP, papali@univap.br

Resumo- Este trabalho trata-se da análise de um Processo Crime de 1874, da cidade de Taubaté, que inicia-se com a morte do escravo Estanislau, por enforcamento. A partir dos depoimentos da testemunhas inqueridas, percebemos uma rede de pessoas interligadas às figuras detentoras do poder naquela situação, e revisitamos a vida do cativo morto, especialmente em seus últimos trinta dias. Assim, os atos de Estanislau em vida ecoam após a morte: suas fugas, em busca de um modo de vida menos injusto, serão recontadas a partir de diversos olhares e diferentes valores, por aqueles que diante da cena dramática da segunda feira do entrudo de 1874, em Taubaté, se transformarão em personagens coadjuvantes de mais um drama da escravidão brasileira.

Palavras-chave: Escravidão – Resistência – Taubaté.

Área do Conhecimento: VII Ciências Humanas

Introdução

Nos caminhos percorridos pelos escravos, lutando para legitimar direitos e conquistar a liberdade, "o modo de viver e trabalhar, orientados por valores próprios, parecem ter sido referenciais norteadores da construção da liberdade no crepúsculo da escravidão." (PAPALI, 2003: 178)

Para Castro, "a experiência de liberdade com que conviviam (os escravos) servia de referencial, sempre contrastada com o modelo conhecido de cativo". (1995: 56)

Considerando a vida do escravo Estanislau, revisitada através do testemunho dos depoentes do inquérito instaurado após a sua morte, buscamos compreender quais as relações estabelecidas pelo cativo com indivíduos da sociedade local em sua busca por um outro modo de vida.

Materiais e Métodos

O presente trabalho trata-se da análise de um Processo Crime (Caixa Processo Crime 1860/1882 - Auto de Corpo Delito e Inquérito – Enforcado Estanislau/1874), pertencente ao acervo da Divisão de Museus e Arquivo Histórico de Taubaté – SP.

A análise de tal processo faz-se a partir do agrupamento dos depoimentos das testemunhas, e para subsidiar a discussão utilizamos-nos de obras dos seguintes autores: Maria Aparecida Chaves Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali, Hebe Maria Mattos de Castro, José Alípio Machado e Stanley J. Stein.

Discussão

"Na segunda feira cedo, o mulatinho Francisco foi levar café ao monjollo para secar e quando punha café no monjollo viu Estanislau enforcado." Estanislau é nosso personagem principal, e sua vida, especialmente seus últimos trinta dias, será visitada e narrada por diversas personagens, que após sua morte, serão apenas coadjuvantes. Até mesmo o seu senhor, aquele que determinava os caminhos de Estanislau. Diante do cenário da segunda feira do entrudo, o escravo consegue a proeza que não teve em vida: ter sua vida observada e ser o centro de algumas atenções.

O trecho acima, que retrata o momento em que o corpo de Estanislau é encontrado, faz parte do testemunho de José Mariano de Araújo Marcondes, senhor do escravo. O que faz José Mariano ao ser informado pelo "mulatinho Francisco" do enforcamento de Estanislau? Não acredita no relato, e precisa ir à casa do monjolo e verificar por ele mesmo. De fato, "Estanislau estava enforcado". [3] Em seguida, José Mariano ordenou que se chamasse quatro pessoas "para testemunharem o facto que ele tencionava comunicar ao Dr. Moreira Barros": [3] Pedro Marcondes de Quadra, José Antonio dos Santos, Manoel Francisco dos Santos e o Inspetor de Quarteirão.

Além dos três primeiros acima citados, e do senhor do escravo Estanislau, são notificados pelo juiz para serem inqueridos, o "mulatinho Francisco", Victorino Ayres dos Reis Calabro e Ignácio Moreira dos Santos. Desses dois últimos, apenas Victorino não viu a cena criminosa, e nem

foi chamado pelo senhor de Estanislau para testemunhá-la. Ignácio, apesar de não ser citado pelo senhor José Mariano no seu testemunho quando este informa quais as pessoas que mandou avisar para testemunharem tal cena, diz em seu depoimento ter sido chamado pelo mesmo. Discriminar os depoentes que foram chamados por José Mariano para testemunharem a cena de Estanislau enforcado (Pedro, José Antônio, Manoel Francisco e Ignácio) daquele que aparentemente não fazia parte das relações de tal senhor (Victorino), só é importante quando analisamos o conteúdo de seus testemunhos perante o juiz.

A descrição das testemunhas no momento de seu depoimento atesta: com exceção de Manoel Francisco, cuja a profissão é omitida, todos os outros depoentes são lavradores. Não estão aí incluídos o senhor do escravo Estanislau (José Mariano), e o “mulatinho Francisco”, que na ocasião do crime tinha apenas 12 anos. Este último era filho de Anna, escrava de Jordão Pereira de Barros, e morava com o senhor José Mariano.

Os depoimentos são muito semelhantes entre o senhor José Mariano e seu grupo de relações. Pedro diz que Estanislau andava reclamando com o seu senhor há muito tempo, e que a um pouco mais de um mês ou menos, ele (testemunha) estivera na casa do Comendador Francisco Marcondes de Moura e Costa, a pedido do senhor de Estanislau, para buscá-lo porque este ali se encontrava fugido. Estanislau viera pedir ao Comendador que o comprasse “porque tinha dezanimado com o serviço da casa de seu senhor que era muito apertado para ele e seu companheiro.”

A testemunha segue relatando que não querendo o Comendador comprá-lo, ele (testemunha) levou Estanislau apadrinhado para a casa de seu senhor, e que passado um dia Estanislau tornou a fugir novamente para a casa do Comendador, que o remeteu ao seu proprietário através de Victorino Ayres dos Reis, de quem fugiu, indo para Capivary, aonde seu proprietário mandou-o buscar, e não foi castigado. Fugiu mais duas vezes, e ao ser capturado pela última vez, seu senhor deu-lhe uns 50 açoitões. Isso ocorreu a mais ou menos quinze dias, e ele não sabe se alguém enforcou o escravo ou se este mesmo se enforcou, “mas que julga que Estanislau enforcou-se por sua própria vontade” e atribui a essa surra o motivo.

Esta impressão de Pedro se repetirá no depoimento de José Antonio, que também não sabe quem o poderia ter enforcado, nem mesmo se ele se enforcou, mas que tem ouvido pelas pessoas da casa, pela testemunha que já depôs (se refere a Pedro) e pelo Inspetor de Quarteirão

que Estanislau tinha se enforcado por própria vontade.

Ignácio, que também “ignora se Estanislau se enforcara voluntariamente ou se fora por alguém enforcado, mas que elle testemunha sabendo, por assim dizer [sic], que o escravo Estanislau depois de ter fugido dissera a seu senhor que lhe não queria servir mais, que lhe vendesse, ao que respondêo o senhor que elle o serviria ainda que debaixo de castigo, só a este facto atribue o ter-se Estanislau enforcado como suppoem.”

Manoel Francisco declara que no último mês, mais ou menos, Estanislau fugira umas quatro ou cinco vezes, e que retornando da última fuga viera sem padrinho. Como a testemunha dava-se muito bem com José Mariano, apadrinhou o escravo Estanislau e pediu ao senhor deste que não “desse” muito nele, ao que foi atendido. Na segunda feira, ao chegar à casa de José Mariano, soube por este que Estanislau se enforcara, e que é nisso que ele acredita.

José Mariano relata que no período de três semanas o escravo fugiu quatro vezes, e que apadrinhado deixou de ser castigado nas primeiras vezes, mas que na última vez mandou buscá-lo em Caçapava e apesar de vir ainda apadrinhado, ele o castigou, e que quando um compadre seu pediu pelo escravo, ele deixou de castigá-lo. O senhor diz que isso ocorreu mais ou menos a quinze dias, e que atribui o enforcamento do escravo à raiva por este fato narrado, devido ao mau gênio deste.

Não é possível se ter certeza das relações entre José Mariano, o senhor do cativo enforcado, e aqueles que foram chamados a depor por terem visto a cena da segunda feira do entrudo, a pedido daquele primeiro. O que constatamos é que os quatro (Pedro, José Antonio, Manoel Francisco e Ignácio), apesar de não saberem se Estanislau se enforcou ou fora enforcado, não deixam de dizer a própria impressão que têm do caso, e acreditam que o escravo tenha atentado contra a própria vida. José Mariano, pelo contrário, parece não ter dúvidas: atribuía o enforcamento do escravo ao mau gênio do mesmo, que teria se enforcado por ter ficado com raiva da surra que levava a quinze dias atrás.

Já Victorino, que também não sabe se Estanislau se enforcara ou fora enforcado, não opina. Limita-se a relatar o que sabe, e diz que na segunda feira do entrudo, dia em que Estanislau fora encontrado enforcado, estava na fazenda do comendador Francisco Marcondes de Moura Costa, para onde aquele escravo fugira algumas vezes, e que ficou sabendo do acontecimento quando o Inspetor de Quarteirão do bairro, a caminho de informar o juiz ali passou. Em seu relato nos trás elementos novos quanto à relação de Estanislau com o Comendador Francisco Marcondes de Moura Costa. De acordo com esta

testemunha, na segunda vez que o escravo esteve na casa do comendador para pedir-lhe que o comprasse, o fez de joelhos, e que aquele respondeu que não fazia questão de preço se o seu senhor a isso anuísse. Victorino não faz parte daquele grupo que foi chamado por José Mariano à casa de monjolo para ver a cena de Estanislau enforcado. Na mesma manhã, estava na casa do comendador a quem Estanislau recorreu ao menos duas vezes em suas fugas. Se mantinha uma relação mais próxima, esta era com o comendador, e não com José Mariano. Numa das fugas do escravo, é a Victorino que o comendador solicita que acompanhe Estanislau à casa de seu senhor. Significativo que justamente em seu depoimento podemos vislumbrar o comendador disposto a pagar qualquer preço por um escravo que o queria como senhor, e o qual apadrinhava.

De acordo com STEIN:

“Os escravos manobravam habilmente o paternalismo do fazendeiro a fim de escapar ou mitigar a punição por desobediências menores. Um escravo podia evitar uma chicotada fugindo imediatamente, depois de cometer um delito, em direção ao proprietário de uma fazenda da vizinhança. Ao chegar, o escravo solicitaria ao fazendeiro “adotá-lo.” (1990:169). “

O que faz Estanislau recorrer ao comendador? Não podemos vislumbrar o grau de proximidade entre eles. O que é fato é que mesmo aqueles que não falam do interesse do comendador em comprar o escravo, ou que até negam esse interesse (como é o caso do depoente Pedro), dizem que Estanislau a ele recorreu ao menos duas vezes para comprá-lo. Acreditamos que Estanislau haveria de ter algum motivo relevante para assim agir, afinal, buscava outro senhor porque não estava satisfeito com as condições a que estava sujeito.

No depoimento de Victorino, o promotor público pergunta a este se Estanislau era fujão. Victorino responde que o escravo tinha fugido várias vezes. Mas não acreditamos que suas fugas possam ser vistas como fugas simples, aquelas em que conforme GOULART (1972: 25), o escravo fugia, mas “sem maiores esperanças nem melhores perspectivas.” Estanislau também foge tentando arranjar sua compra por outro senhor. Quando recorre pela segunda vez ao comendador, não parece estar preocupado se será encontrado, ao retornar a um local em que já esteve e de onde foi remetido ao seu senhor. Não. Neste momento sua insatisfação em servir a José Mariano não é segredo, e Estanislau, de acordo com o depoimento de Ignácio, solicita ao próprio senhor que o vendesse.

Conclusão

Quanto à morte de Estanislau, no final do inquérito o promotor considera que em vista das provas, é de parecer que nada há para ser promovido, e o juiz arquiva os autos.

Aquilo que o promotor vê como provas, talvez melhor seriam nomeados evidências. Mas a dúvida permanece a mesma: Estanislau se enforcara ou teria sido enforcado? Não há resposta passível de ser afirmada. No entanto, a essa altura, isso pode não ser o mais importante. A grande questão que se coloca nos parece estar em torno do que estava Estanislau disposto a fazer para viver de uma forma que considerava, se não mais adequada (seria possível dentro daquele sistema?), menos injusta.

Agradecimentos

Agradecemos à UniVap, pelo apoio e incentivo à pesquisa, ao corpo docente do curso de História e Geografia, e especialmente à Fapesp, instituição que financia o projeto da Prof^a Dr^a Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali, que gerou subsídios para a realização deste trabalho.

Referências

- [1] PAPALI, Maria Aparecida C. Ribeiro. Escravos, Libertos e Órfãos. A Construção da Liberdade em Taubaté (1871-1895). São Paulo, Annablume: Fapesp, 2003.
- [2] CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista: Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- [3] Caixa Processo Crime 1860/1882 - Auto de Corpo Delito e Inquérito – Enforcado Estanislau/1874. Divisão de Museus e Arquivo Histórico de Taubaté.
- [4] STEIN, S. J. Vassouras – Um Município Brasileiro do Café, 1850-1900. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- [5] GOULART, J. A. Da Fuga ao Suicídio. MEC/Conquista, 1972.

